



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 4 de dezembro de 2024

<b>Bolsas</b> Na terça-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na terça-feira	<b>Salário mínimo</b> R\$ 1.412	<b>Euro</b> Comercial, venda na terça-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
↑ 0,72% São Paulo	124.610 → 126.139	R\$ 6,058 (-0,16%)	Últimos	R\$ 6,364	11,15%	11,70%	Junho/2024 0,21 Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53
↓ 0,17% Nova York	28/11 29/11 02/12 03/12	27/novembro 5,913 28/novembro 5,989 29/novembro 6,001 2/dezembro 6,068					

## PIB

Segundo o levantamento divulgado ontem pelo IBGE, no terceiro trimestre, o crescimento econômico perdeu fôlego, ao crescer 0,9%. Mas, na comparação com o mesmo período de 2023, a alta está acelerada, o que pode pressionar a inflação

# ECONOMIA CRESCE 4% em um ano e preocupa

» RAFAELA GONÇALVES

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro perdeu fôlego, registrando crescimento de 0,9% no terceiro trimestre do ano, ante um avanço de 1,4% no trimestre anterior. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia movimentou R\$ 3,0 trilhões no período, em valores correntes.

Com o resultado, de janeiro a setembro, o PIB acumulou alta de 3,3%. Já o crescimento anualizado, dos últimos quatro trimestres, a alta foi de 3,1%. Frente ao 3º trimestre de 2023, o indicador cresceu 4,0%.

Dois dos três grandes setores econômicos sob a ótica da produção avançaram. Serviços, setor que mais emprega e tem maior peso no indicador, apresentou o maior avanço no período, de 0,9%. A indústria também ajudou a sustentar a alta, registrando um crescimento de 0,6%, com destaque para alta de 1,3% nas indústrias de transformação.

Em contrapartida, a agropecuária, que teve grande destaque no PIB no ano passado, registrou queda de 0,9% no período. As quedas na produtividade do milho, da cana-de-açúcar e da laranja fizeram com que a participação do setor caísse no indicador.

Para o economista Otto Nogami, professor do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), apesar do crescimento contínuo, a desaceleração observada sugere que a economia brasileira pode estar enfrentando limitações em sua capacidade de expansão. “A retração no setor agropecuário, por exemplo, pode ser atribuída a condições climáticas adversas e à volatilidade dos preços das commodities”, destacou.

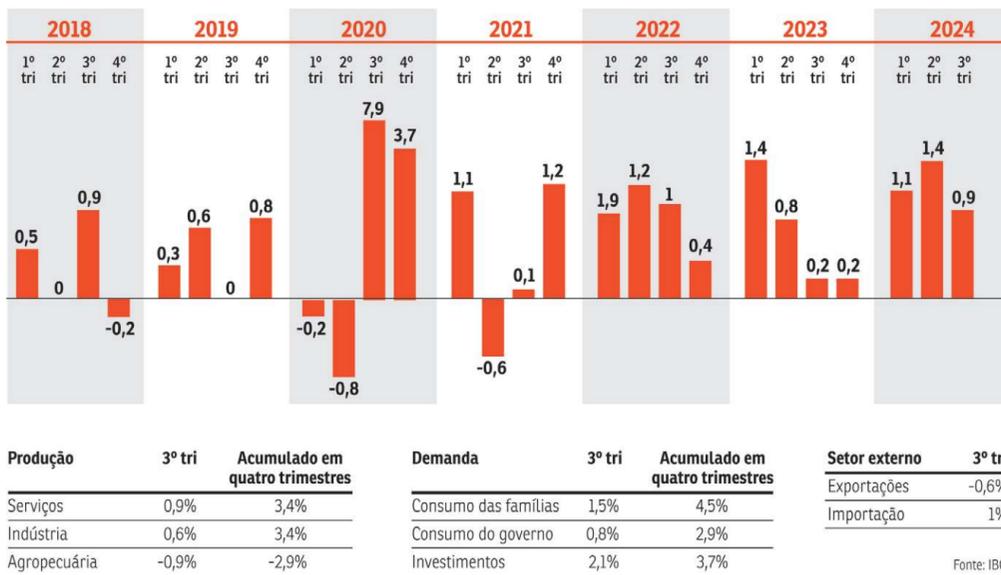
Para a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis, ainda que o resultado trimestral tenha sido mais fraco que o do trimestre anterior, não gera, por ora, uma preocupação com uma possível desaceleração brusca da atividade econômica. Segundo ela, a desaceleração ainda não tem influência do novo ciclo de alta na taxa básica de juros, a Selic, mas sim da base de comparação elevada. “A política monetária mais

## Em alta

PIB do 3º trimestre desacelera, mas registra avanço de 0,9%

### VARIAÇÃO TRIMESTRAL

Em %, contra o trimestre imediatamente anterior



restritiva não tem efeito nenhum sobre esse terceiro trimestre, já que o primeiro aumento foi já no final de setembro”, destacou Palis, que lembrou ainda que o impacto dos juros sobre a economia costuma ser defasado.

### Consumo e investimentos

Pela ótica da demanda, todos os indicadores cresceram. O consumo das famílias, uma das variáveis mais importantes do indicador geral, avançou 1,5%, impulsionado por um mercado de trabalho robusto e condições de crédito favoráveis. A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que determina taxa de investimentos, cresceu 2,1%, refletindo maior confiança dos investidores na economia. Já o consumo do governo subiu 0,8%, enquanto os investimentos tiveram ganho de 2,1% no trimestre.

Em nota, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) informou que “pode revisar para cima” a projeção de crescimento para 2024, atualmente em 3,4%. A entidade empresarial observa que a indústria de transformação segue por cinco trimestres consecutivos sem queda. E destaca a “contínua recuperação do investimento, com ritmo superior ao do PIB, caracterizando uma alta da taxa de investimento”. Um dado preocupante veio do setor externo. No período, houve uma queda de 0,6% nas exportações de bens e serviços, enquanto as importações cresceram 1,0%.

O economista-chefe da Warren Investimentos, Felipe Salto, alerta que a tendência é de desaceleração da atividade. “Tendo em vista a pressão das expectativas de inflação e o dólar elevado, o Banco Central deve endereçar uma política monetária mais contractionista, com alta expressiva da Selic,

propiciando um período de desaceleração da atividade”, disse Salto.

### Ranking

O crescimento médio do PIB dos países membros da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) foi de 0,4% no terceiro trimestre de 2024. O indicador brasileiro ficou acima da média internacional, com 0,9%. O Brasil ocupa o sexto lugar no ranking de países com maior crescimento no período, empatado com China e Israel.

No topo do ranking estão Dinamarca, Indonésia, Índia, Lituânia e México, com crescimento acima de 1%. Os Estados Unidos, maior economia do mundo, registraram alta de 0,7% no trimestre. Entre as maiores retrações estão Suécia, Turquia, Letônia, Hungria e por último Noruega, cuja economia caiu 1,8%.

## Brasil cai para 10ª economia

» ROSANA HESSEL

A alta de 0,9% do Produto Interno Bruto (PIB) de julho a setembro de 2024, na comparação com os três meses anteriores, não surpreendeu o mercado como ocorreu nos últimos trimestres. Mas marcou o início da desaceleração da atividade econômica, pois o PIB cresceu 1,4% entre abril e junho, na mesma base de comparação.

Esses cálculos, contudo, ainda não consideram a forte desvalorização do real sofrida em novembro, quando o dólar ultrapassou o patamar de R\$ 6 e vem se mantendo nesse novo nível nos primeiros pregões de dezembro. Pelas estimativas de Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, com essa apreciação do dólar, o Brasil ainda deverá ser ultrapassado pela Rússia, podendo cair para a 11ª posição no ranking.

Atualmente, no ranking do PIB em dólares correntes, com base nos dados divulgados em outubro pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) — o ranking completo mais atual do organismo multilateral —, o Brasil perdeu posições no ranking global neste ano, passando da 8ª posição, no relatório do Fundo de abril, para a 10ª colocação, à frente da Rússia e abaixo do Canadá.

“Boa parte desse declínio do Brasil no ranking do FMI, em 2024, deve-se à desvalorização do real entre abril e outubro, da ordem de 13%, mesmo com melhora da estimativa de crescimento do PIB acima de 3% neste ano”, afirmou Agostini. Em 2023, o Brasil ficou na 9ª classificação do ranking global do PIB em dólares. Com isso, o país ainda pode perder mais uma posição na lista das maiores economias do planeta, sendo ultrapassado pela Rússia. No acumulado do ano, o dólar acumulou valorização de aproximadamente 25%.

### Ranking trimestral

Conforme o levantamento da Austin, o Brasil ficou na 10ª colocação em um ranking elaborado pela Austin Rating com 62 países que já divulgaram seus balanços do terceiro trimestre, na comparação com os três meses anteriores. A listagem é liderada pela Nigéria, que apresentou avanço de 2,4% entre junho e setembro, na mesma base de comparação. Filipinas e Malásia completam o pódio, com crescimento na margem de 1,7% e de 1,5%, respectivamente.

Nessa listagem, o desempenho do PIB brasileiro ficou acima da média geral para o trimestre, de 0,5%, e em linha com a média dos países do Brics — grupo dos países emergentes integrado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

## Governo celebra aquecimento e emprego

» RAPHAEL PATI

“Continuamos com o PIB crescendo e criando mais emprego e renda na mão dos brasileiros”. Com essa postagem na rede social X, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva comemorou o resultado do PIB, anunciado ontem pelo IBGE.

Já o vice-presidente, Geraldo Alckmin, que também é ministro do Desenvolvimento, Indústria Comércio e Serviços, descartou que o aquecimento da economia vá pressionar a inflação, assim como o câmbio desvalorizado.

“O câmbio é flutuante. Do mesmo jeito que ele sobe, ele cai. Em relação ao componente interno, eu acho que vai

ficar claro se o Congresso der uma resposta rápida neste mês de dezembro, aprovando as medidas para cumprir o arcabouço fiscal e deficit primário zero, aprovando as medidas que o governo encaminhou, que reduzem despesa no curto, médio e longo prazo”, disse Alckmin, ontem, em entrevista a jornalistas no Palácio do Planalto.

Alckmin defendeu não ser preciso restringir ainda mais a política monetária por meio do aumento da Taxa Selic, atualmente em 11,25% ao ano. Ele citou o Federal Reserve (Fed) — o Banco Central dos EUA — como exemplo de controle inflacionário. “Em relação à questão da inflação, eu gosto do modelo

norte-americano, do Fed, o BC americano, que tem duas missões: uma missão é emprego, estimular a economia; a outra missão é preço, evitar a inflação. Mas ele não leva em consideração dois componentes: alimento e energia.”

O dólar fechou o dia praticamente estável no fim da tarde e permaneceu no patamar de R\$ 6,06. Apesar disso, o valor da moeda norte-americana segue alto se comparado à semana passada, quando, no dia 25 de novembro, ainda valia R\$ 5,80. Já no primeiro dia desta semana, o câmbio acelerou 1,13% e atingiu novamente o maior patamar de toda a série histórica, desde a criação do real, em 1994.

Na avaliação do secretário-executivo do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, a valorização da moeda norte-americana no mercado nacional é apenas resultado de “ruídos internos” e acredita que, com os agentes e investidores conhecendo mais os projetos enviados pelo governo na semana passada, o dólar deve voltar a ficar estável em um curto prazo.

“O cenário ou pelo menos a expectativa aumentou o risco de ter um cenário com inflação global maior, isso acaba gerando uma precificação de ativos, com uma elevação de risco e isso tem efeito sobre todos. Então, de fato, isso é natural, todas as moedas estão passando por um processo como esse”, disse.

## TURISMO

## Programa Voa Brasil finalmente decola

» FERNANDA STRICKLAND

Mais de 20 mil aposentados pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) já aproveitaram os benefícios do Programa Voa Brasil para adquirir passagens aéreas a preços acessíveis. Lançada pelo governo

federal em julho, a iniciativa tem como objetivo democratizar o acesso ao transporte aéreo no país, oferecendo bilhetes por até R\$ 200 por trecho para viagens domésticas.

De acordo com o Ministério de Portos e Aeroportos, as passagens emitidas nos últimos quatro meses

abrangem 77 destinos em todo o Brasil. As capitais mais procuradas foram São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Recife, Brasília, Salvador, João Pessoa, Natal, Maceió e Belo Horizonte, que juntas concentraram quase 80% dos bilhetes vendidos. No entanto, a adesão ainda

é baixa na região Norte, que respondeu por apenas 3% das viagens.

O ministro de Portos e Aeroportos, Sílvio Costa Filho, destacou o impacto positivo do programa, que não apenas amplia o acesso de aposentados ao transporte aéreo, mas também melhora a eficiência operacional das companhias aéreas. “Estes aposentados não voavam há pelo menos um ano e estão ocupando assentos que, de

outra forma, permaneceriam vazios em trechos com alta ociosidade”, afirmou.

O programa funciona de maneira simples: aposentados do INSS podem adquirir até dois trechos por ano a preços reduzidos, exclusivamente pelo site oficial do programa ou via login no Gov.br. O ministério também reforçou a importância de utilizar canais oficiais para evitar fraudes e proteger dados pessoais.